

## **RESILIÊNCIA E AUTOESTIMA COMO PERSPECTIVAS DE PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADAS**

### **RESILIENCE AND SELF-ESTEEM AS PERSPECTIVES OF PROMOTING THE QUALITY OF LIFE IN INSTITUTIONALIZED ADOLESCENTS**

Márcia Stypulkowski<sup>1</sup>, Aline dos Santos Silveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia, Urcamp Bagé – marciasty@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Docente curso de Psicologia, Urcamp Bagé - alinesilveira@urcamp.edu.br

#### **RESUMO**

O presente estudo teve como objetivo conhecer o nível de resiliência e da autoestima em adolescentes institucionalizadas, indicando a influência do meio em que circulam e vivem e das figuras de apoio existentes na vida destas adolescentes que contribuem para a formação dos fatores de proteção. A pesquisa ocorreu na cidade de Bagé, realizada com sete adolescentes do sexo feminino, com idades entre 12 e 18 anos, moradoras da Casa da Menina, Instituição de Acolhimento da cidade. Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário aberto, aplicação da escala de resiliência de Wagnild e Young e aplicação da escala de autoestima de Rosenberg. Os resultados mostram que as adolescentes apresentam tendência à resiliência, o que significa dizer que há probabilidade das mesmas enfrentarem de forma mais satisfatória as situações de risco ou estressantes. Também constatou-se que as adolescentes possuem uma autoestima entre média e alta, o que significa que possuem uma boa avaliação de si, o que contribui significativamente para uma boa qualidade de vida. Os bons resultados apresentados na escala de resiliência e de autoestima podem ser em razão da disponibilidade de suporte externo oferecido às adolescentes, pelas figuras de apoio encontradas nos microssistemas, como a instituição em que vivem, a família e a escola. Na Casa da Menina existe um corpo de profissionais qualificados, o que demonstra um efetivo cuidado e interesse no bem-estar das crianças e adolescentes, o que favorece seu desenvolvimento global de forma equilibrada e saudável.

**Palavras-chave:** Resiliência; autoestima; acolhimento institucional

#### **Abstract**

The present study aimed to know the level of resilience and self-esteem in institutionalized adolescents, indicating the influence of the environment in which they circulate and live and the support figures existing in the life of these adolescents that contribute to the formation of protection

factors. The research was carried out in the city of Bagé, carried out with seven female adolescents, aged between 12 and 18 years, living in the House of the Girl, Host Institution of the city. The following instruments were used to collect data: open questionnaire, application of the Wagnild and Young resilience scale and application of the Rosenberg self-esteem scale. The results show that adolescents show a tendency towards resilience, which means that they are more likely to face risk or stressful situations. It was also found that adolescents have a medium to high self-esteem, which means that they have a good self-assessment, which contributes significantly to a good quality of life. The good results presented in the resilience and self-esteem scale may be due to the availability of external support offered to adolescents, by the support figures found in the microsystems, such as the institution in which they live, the family and the school. At Casa da Menina there is a body of qualified professionals, which shows an effective care and interest in the well-being of children and adolescents, which favors their overall development in a balanced and healthy way.

**Keywords:** Resilience; self esteem; institutional reception; adolescents.

## INTRODUÇÃO

A resiliência é um processo intersubjetivo que elabora respostas possíveis nas situações de traumas, e tem como característica a condução ao desenvolvimento, do retorno à vida. A autoestima é a visão de si que o indivíduo possui, incluindo a noção do seu valor e a autoaceitação. São constructos que se interrelacionam contribuindo para uma boa qualidade de vida (CYRULNIK; CABRAL, 2015). Estes processos estão relacionados com a constituição do sujeito entrelaçado com a ecologia de seu meio ambiente.

Na interação com o mundo, durante o seu desenvolvimento toda criança ou adolescente pode deparar-se algumas vezes com situações estressantes ou traumáticas, as chamadas situações de risco, que podem ocasionar o seu desequilíbrio emocional.

Adolescentes institucionalizadas tem em seu histórico de vida situações em que fatores de risco e situações estressoras foram ou ainda estão presentes, mas fatores de proteção encontrados na instituição acolhedora podem colaborar para que possam desenvolver e apresentar recursos positivos de enfrentamento a estas situações vividas, possibilitando melhor qualidade de vida.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi sancionado em 1990, e posteriormente atualizado com outras normas legais, foi formulado com o objetivo de intervir de forma positiva na infância e juventude de nossa sociedade. As crianças e adolescentes que vivem em instituições são cidadãos com direitos, e deve-lhes ser

assegurado oportunidades e facilidades que lhes proporcione o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (DIGIÁCOMO, 2013).

O presente estudo pretende conhecer o nível da resiliência e da autoestima em adolescentes institucionalizadas, do sexo feminino, na cidade de Bagé/RS, e as figuras de apoio existentes na vida destas adolescentes que contribuem para a formação dos fatores de proteção e melhoria da qualidade de vida.

## **DESENVOLVIMENTO**

No Estatuto da Criança e do Adolescente ECA, a adolescência é o período compreendido entre os 12 e 18 anos de idade, que foi a população abrangida por esta pesquisa (CEDECA, 2017).

Conforme Rodriguez, Souza e Poletto (2015) diversos estudos apontam que as intervenções durante a adolescência podem ter um potencial de redirecionar as condutas para estilos de vida mais produtivos e saudáveis, servindo também como fatores de proteção, desenvolvendo uma identidade mais clara e afirmativa, com um sentido de vida positivo.

A adolescência é uma fase da existência constituída por períodos sensíveis, portanto se houver um ambiente de apoio, que forneça segurança, os adolescentes conseguirão transpor este período com mais facilidade. O apoio por parte da família, de amigos, colegas, educadores e outros profissionais pode significar uma possibilidade de reparação das rupturas emocionais ocorridas em situações de adversidades (CYRULNIK; CABRAL, 2015).

O ambiente tem papel fundamental na oferta de processos de promoção da autoestima e resiliência que podem tratar os traumatismos e proporcionar a retomada a novas oportunidades de viver. As instituições que acolhem crianças e adolescentes podem minimizar os traumas causados pelo abandono ou pelo afastamento do convívio familiar, oferecendo experiências reparadoras a estas crianças e adolescentes. (SILVA et al., 2015).

## **Resiliência e Autoestima**

Para Cyrulnik e Cabral (2015) a resiliência é um processo intersubjetivo que elabora respostas possíveis nas situações de traumas e este processo está relacionado com a constituição do sujeito entrelaçado com a ecologia de seu meio ambiente.

Na teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano – TBDH proposta por Bronfenbrenner temos o desenvolvimento como um produto das interações recíprocas entre o indivíduo e o ambiente ao longo do tempo, o que evidencia a importância de entender a resiliência a partir das especificidades do contexto em questão, como as situações de estresse são vivenciadas e quais são as respostas dadas a estas situações (GUIMARÃES; COSTA NETO, 2015).

A baixa autoestima contribui para a vulnerabilidade, e pode potencializar os efeitos de uma situação de risco, associado à condições ambientais desfavoráveis.

Rosenberg (1986) define a autoestima “como sendo uma avaliação que o indivíduo faz sobre si mesmo, que é expressa no sentido positivo ou negativo, dependendo se o indivíduo aprova ou não o resultado” (FARIAS, 2015).

A autoestima vai se fortalecendo através do ciclo vital, e um fator condicionante para seu estabelecimento é o reforço positivo ou negativo, proporcionado pelos grupos ou pessoas com as quais convivemos (RODRIGUES, et al. 2014).

Para Bowlby (apud FARIAS, 2015) é importante a ligação emocional com uma figura de vinculação adulta, a partir da qual serão construídos pela criança/adolescente conhecimentos e expectativas acerca de si mesma, da figura de vinculação, das relações sociais e do mundo. Este vínculo será a base para o desenvolvimento psicológico posterior.

## **Fatores de Risco e Fatores de Proteção**

As situações de risco são aquelas onde os estressores podem causar prejuízos importantes no desenvolvimento da pessoa, tais como a violência intra e extra familiar, extrema pobreza, desemprego, exploração sexual, abuso de álcool e outras drogas (RODRIGUEZ; SOUZA; POLETTO, 2015).

Para contrapor as situações de risco, temos os fatores de proteção que são aqueles encontrados na família e no meio social, que fornecem apoio e suporte nos

momentos de dificuldades e que contribuem para o bom andamento do curso das ocorrências adversas e possuem papel fundamental nos processos de resiliência (BARBOSA, 2008).

### **A promoção da Resiliência e da Autoestima nas Instituições de Acolhimento**

Segundo Guimarães e Costa Neto (2015) crianças e adolescentes institucionalizados podem continuar a ser população de risco caso não haja uma rede de apoio para suprir as carências próprias dos contextos institucionais, sendo assim o acolhimento pode representar para os adolescentes uma oportunidade de desenvolvimento ou de risco. É importante haver nas instituições o suporte emocional e os sistemas da rede de apoio social. As instituições de acolhimento necessitam proporcionar atenção às diferentes necessidades das crianças e dos adolescentes, exercendo uma função de rede de apoio social e apoio afetivo. O suporte social funciona como facilitador nos processos de promoção da autoestima e da resiliência.

Para Silva et al (2015) crianças e adolescentes institucionalizados devem ser estimulados à interação com o meio em que estão inseridas, já que o serviço de acolhimento, sendo o contexto de desenvolvimento, envolve um campo de relações que abre espaço para trocas sociais e afetivas. Interações que ocorrem em contextos diversos são promotoras de uma melhor qualidade de vida e de processos de resiliência. Na teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano as trocas sociais que podem ocorrer entre a instituição de acolhimento e a escola, instituição de acolhimento e comunidade caracterizam-se como transições ecológicas, ou seja, a passagem de um ambiente conhecido para outro ainda desconhecido, fazendo parte do conjunto de microsistemas que uma pessoa frequenta e as interrelações neles estabelecidas. Quanto mais ambientes diferentes a pessoa frequentar mais transições ecológicas serão acionadas. As relações que se estabelecem e operam nos diferentes ambientes são interdependentes, mas são mutuamente influenciadas. Estas relações estabelecidas são formadoras de redes sociais que podem ser significativas na medida que favorecem o desenvolvimento integral de crianças e jovens institucionalizados (SILVA et al., 2015).

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

### **População do estudo**

A população participante desta pesquisa foram adolescentes moradoras da Casa da Menina de Bagé que estão na faixa etária de 12 a 18 anos de idade. A população inicial foi de 07 (sete) adolescentes, e na aplicação dos questionários foram somente 5 (cinco) adolescentes, pois duas já tinham saído.

### **Considerações éticas**

Os questionários e as escalas respondidas tiveram a identificação das respondentes preservadas, não sendo de forma alguma divulgados, garantindo o sigilo das informações. Foi fornecido para as adolescentes participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com o conhecimento e autorização da Coordenação da Casa da Menina de Bagé/RS.

### **Instrumentos para a coleta de dados**

Este estudo foi estruturado em duas etapas: uma de delineamento quantitativo, com o objetivo de verificar os escores de resiliência e de autoestima, e a segunda etapa teve um delineamento qualitativo, através da aplicação do questionário, possibilitando obter explicações de variáveis subjetivas.

Na etapa quantitativa utilizou-se as escalas de Autoestima e de Resiliência.

A escala de autoestima, validada por Hutz e Zenon (2011), para crianças, adolescentes e adultos, é composta por cinco questões positivas (1, 2, 4, 6 e 7) e cinco questões negativas (3, 5, 8, 9 e 10). Todas as questões tem as seguintes opções: Discordo totalmente, Discordo, Concordo e concordo totalmente, nesta ordem. Para a contagem de pontos, nas questões positivas, O Discordo totalmente vale 1 ponto, o Discordo vale 2, Concordo vale 3 e o Discordo totalmente vale 4, e para as questões negativas a contagem fica com os valores invertidos, ou seja, de 4 até 1. Cada participante gerou uma pontuação bruta, que pode variar de 10 a 40 pontos, e quanto maior o escore obtido maior a autoestima do indivíduo.

Utilizou-se a escala de resiliência elaborada por Wagnild e Young (1993), instrumento adaptado por Pesce et al. (2005) que focaliza níveis de adaptação psicossocial frente a importantes eventos de vida, que definem o potencial de

resiliência. O instrumento mantém, em sua adaptação para o Brasil, 25 itens do tipo *Likert*, com sete pontos com valores de 01 a 07, na ordem em que aparecem na escala: discordo totalmente(1), discordo muito (2), discordo pouco (3), nem concordo nem discordo (4), concordo pouco (5), concordo muito (6) e concordo totalmente (7). A pontuação varia de 25 a 175 pontos, sendo que quanto maior o escore, mais elevada é a resiliência do sujeito.

Na etapa qualitativa utilizou-se questionários e a análise dos dados foi realizada através da Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Segundo Bardin (2011, apud SANTOS, 2012) uma análise de conteúdo pode ser considerada uma análise de significados, pois ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação.

O questionário utilizado é composto por 36 questões abertas, divididas em 4 partes: Instituição, Família, Escola e Redes de amigadas. O questionário foi elaborado pela pesquisadora e as questões propostas estão relacionadas às figuras de apoio encontradas nos diversos ambientes frequentados pelas adolescentes.

Para a identificação das adolescentes nas respostas do questionário, usou-se a sigla M (de menina), com a respectiva numeração da adolescente, ex: M1, M2.

### **Apresentação e análise dos resultados**

Para a análise dos dados da escala de resiliência, foram somados os pontos dos itens no total. Para fins de avaliação a pontuação é dividida em três níveis: 25 – 75 pontos: nível baixo de resiliência; 76 a 125 pontos: nível médio de resiliência e de 126 – 175: nível alto de resiliência.

Na aplicação da Escala de autoestima que foi o segundo instrumento aplicado, uma das adolescentes da pesquisa inicial havia saído da instituição, ficando portanto 6 adolescentes para o preenchimento desta escala.

A escala de autoestima de Rosenberg está dividida em três categorias, para fins de avaliação: pontuação de 10 – 20, considerada como baixa autoestima, pontuação entre 21 – 30, considerada como média autoestima e pontuação entre 31-40, considerado com alta autoestima.

Os resultados da escala de Resiliência (tabela 1) mostram que seis adolescentes alcançaram pontuação acima de 100, que significa dizer que as

meninas possuem um alto nível de adaptação psicossocial, frente a importantes eventos de vida, que definem o potencial de resiliência

Podemos observar na tabela 1 em relação aos resultados da autoestima, que as adolescentes apresentaram resultados superiores a 25 pontos, significando que as adolescentes possuem uma autoestima entre média e alta, o que significa que se consideram capazes, que possuem uma boa avaliação de si, o que contribui significativamente para uma boa qualidade de vida.

Na tabela 1 podemos ver os resultados gerais obtidos pelas adolescentes em relação às escalas de resiliência e autoestima:

**Tabela 1 – Pontuação geral obtida em 2018 nas Escala de resiliência e Escala de autoestima em adolescentes institucionalizadas**

Adolescente	idade	Tempo na instituição	Pontuação Escala Resiliência	Pontuação Escala de autoestima
M1	13	6 meses	65	28
M2	13	2 meses	131	35
M3	14	12 meses	110	26
M4	14	36 meses	149	26
M5	16	2 meses	132	32
M6	17	24 meses	148	39
M7	17	13 meses	140	-

Na tabela 2 podemos visualizar a distribuição dos participantes em grupos por faixas de pontuação e a frequência de respostas à Escala de Resiliência (baixa resiliência, média resiliência e alta resiliência):

**Tabela 2: Distribuição de frequência e porcentagem da pontuação geral separado por grupos em função de sua tendência à resiliência em adolescentes institucionalizadas**

Grupo	Frequência	Porcentagem
Baixa resiliência	1	14%
Média resiliência	1	14%
Alta resiliência	5	72%
Total	7	100%

Podemos observar que 72% das adolescentes possuem um alto nível de resiliência, significando que possuem um alto nível de adaptação psicossocial.

Na tabela 3 podemos visualizar a distribuição dos resultados da Escala de



autoestima por intervalos de pontos (baixa autoestima, média autoestima e alta autoestima).

**Tabela 3 – Pontuação autoestima por intervalos em adolescentes institucionalizadas**

Pontuação na escala	Participantes (n)	%
10-20 baixa autoestima	0	-
21-30 media autoestima	3	50%
31-40 alta autoestima	3	50%
Total	6	100%

Estes dados nos mostram que 50% dos participantes possuem uma média autoestima e 50% possuem alta autoestima. Nenhum participante tem baixa autoestima.

Observando os resultados podemos dizer que as adolescentes possuem bons níveis de resiliência e de autoestima. Estes resultados são indicativos da presença de influências positivas nos microssistemas frequentados pelas adolescentes, principalmente no contexto institucional onde vivem e possuem a uma rede bem sustentada de apoio e de fatores de proteção e onde as relações proximais são mais intensas favorecendo o desenvolvimento saudável.

Para verificar as figuras de apoio existentes no meio, microssistemas que as adolescentes frequentam, foram analisadas as respostas do questionário, que possibilitou entender suas interações com outras pessoas e as contribuições recebidas que fortalecem a autoestima e contribuem para o processo de resiliência das adolescentes institucionalizadas.

Na teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, são definidas quatro dimensões do modelo bioecológico: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo. A dimensão *Pessoa* refere-se às características individuais, físicas e psicológicas do indivíduo e aquelas construídas na interação com o ambiente, aspectos essenciais para a sua relação com o mundo social. A dimensão *processo* refere-se às dinâmicas de interação do sujeito com outras pessoas, objetos e símbolos partes de seu contexto, neste estudo nos interessam mais estas duas dimensões: *Pessoa e Processo*. A autoestima e a resiliência estão situadas dentro da dimensão *Pessoa* e podem ser potencializadas no *Processo*.

A instituição acolhedora, a escola, a família, comunidade são microssistemas

nos quais as adolescentes estão inseridas, constituindo-se de espaços de socialização e de desenvolvimento, podendo proporcionar processos proximais que constituem-se de interações que geram relações satisfatórias que podem promover uma melhor qualidade de vida, com conseqüente aumento da autoestima e da resiliência, características de um desenvolvimento saudável (BRONFENBRENNER, 1996, apud SIQUEIRA, A.C.; DELL'AGLIO, 2010).

Para a análise qualitativa, foram elencadas 5 categorias, a saber: *família; escuta, amigades, acolhimento institucional e descontração.*

#### *Família*

Observa-se que a família é muito presente na vida das adolescentes, mantendo as lembranças de afeto, carinho e cuidado muito mais fortes do que qualquer possível situação que as tenha deixado vulneráveis. As falas a seguir mostram a figuras da família como ponto de apoio e fatores de proteção:

*Você divide com alguém de sua família as coisas boas e as ruins que você vivencia?*

*M1: sim, com o pai e a mãe*

*M2: com a mãe*

*M3: com minha irmã*

*M5: com minha mãe*

Através da pesquisa constatou-se que todas as participantes mantêm contato com a família, com diferentes frequências, demonstrando a existência da referência familiar. Também podemos perceber que o microssistema família possui grande força, apesar do afastamento. A literatura tem destacado que muitas crianças e adolescentes institucionalizados apresentam uma percepção otimista e positiva da família, atribuindo-lhe qualidades, minimizando os pontos negativos e os fatores que levaram à institucionalização (SIQUEIRA, DELL'AGLIO, 2010).

#### *Escuta*

Através do questionário podemos perceber que a forma mais usual de conforto oferecido pelas figuras de apoio para as adolescentes são através de uma escuta efetiva e afetiva, com conversas seguidas de abraços.

*De que forma esta pessoa (da família, abrigo e escola) tenta confortá-la nos momentos mais difíceis?*

*M2: falando palavras de conforto e me dando um abraço*

*M3: falando comigo, me escutando*

*M4: me abraçando, conversando e chorando comigo*

*M5: me abraçando e me dando consolo*

*M6: com muito amor e muita conversa*

Segundo Romeiro e Melchiori (2017) a escuta e o abraço são manifestações do vínculo afetivo existente. A construção de vínculos afetivos é importante no contexto de acolhimento institucional, entre os acolhidos e entre eles e a equipe da instituição.

### *Amizades*

A aceitação do adolescente pelos seus pares nos grupos, microsistemas que frequenta, é relevante na previsão das competências sociais e na autoestima, os pares assumem uma parte importante na vida dos adolescentes pelo acompanhar das mudanças (cognitivas, socio-emocionais, familiares, vocacionais e de imagem de si próprio), desafiando o sentido da identidade e da autoestima (SOARES, 1990 apud MOTA; MATOS, 2010). Nas respostas abaixo podemos constatar a existência da amizade e seu papel como figura de apoio:

*você fez amizades na instituição e escola?:*

*M1: sim*

*M2: sim, com todas as gurias*

*M3: sim com as gurias*

*M4: Sim, com a P., S., A., F., T..*

*M5: sim, a P., S., T. e a D.*

*M6: sim com todas as meninas que vivem aqui e as que já forma embora.*

### *Acolhimento institucional*

Ao ingressar no abrigo, a criança e o adolescente sentem-se desamparados, pois são afastados de suas famílias, e este momento é de importância crucial para a equipe do abrigo, para que o acolhimento ocorra de forma a minimizar esta ruptura, pois no início a institucionalização é algo indesejado (CONZATTI, 2015).

Através das respostas do questionário, encontramos referências que demonstram que as adolescentes se adaptaram bem a sua nova realidade:

*Como é a instituição que você vive?*

*M1: boa*

*M2: boa*

*M3: adoro ficar com minhas amigas e não gosto de brigar com ninguém*

*M4: muito bom, gosto muito*

*M5: boa*

*M6: muito boa, pelo menos pra mim, eu não queria ir embora*

*Como é a relação com as monitoras da casa?*

*M1: boa*

*M2: boa*

*M3: eu gosto da tia G, porque ela leva nos pra passear*

*M4: muito bom, elas me tratam como filha*

*M5: muito boa, elas me cuidam bem*

*M6: elas são muito boas*

Pode-se observar que na Casa da Menina existe um corpo de profissionais qualificados, o que demonstra um efetivo cuidado e interesse no bem-estar das crianças e adolescentes, o que favorece seu desenvolvimento global de forma equilibrada e saudável.

Podemos observar que as adolescentes confiam em suas colegas de abrigo e nos funcionários como suporte e apoio nos momentos difíceis. Para Siqueira e Dell'Aglio (2010) no acolhimento institucional, os jovens encontram apoio junto aos pares e aos profissionais, podendo a instituição operar como fator de proteção, proporcionando confiança, segurança e a possibilidade de compartilhar sentimentos.

### *Descontração*

Na teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, um conceito fundamental para o desenvolvimento humano são os processos proximais, que são entendidos como a interação entre os organismos e o ambiente.

Segundo Guimarães e Costa Neto (2015) os processos proximais podem ocorrer de diversas formas, e foram identificados nas adolescentes em acolhimento por meio da interação com outros na realização de conversas, brincadeiras, jogos, passeios, escutar música, dançar. Um dos principais indicadores de bem-estar e bom desenvolvimento é a capacidade de brincar, rir, divertir-se, e isto foi identificado nos discursos das adolescentes, no ambiente do abrigo e na escola:

*Que atividade você realiza com seus amigos ( Instituição e escola)?*

*M1: brincar, conversar*

*M2: dançar, escutar música, ir na praça*

*M3: jogar bola, desenhar*

*M4: desenhar, brincar*

*M5: dançar*

Na análise das informações sobre o contexto bioecológico, conhecemos os microssistemas frequentados pelas adolescentes, que formam um contexto no qual

existem relações proximais com outras pessoas. Em todos os microsistemas frequentados existem figuras de apoio e fatores de proteção o que reforça os resultados obtidos nas escalas de autoestima e de resiliência. Observou-se que o Campo Abrigo sobressaiu-se, sendo um microsistema onde as adolescentes sentem-se bem, sentem-se bem cuidadas e tem a sua maior rede de amigas, apresentando uma maior quantidade de contatos relacionais do que outros campos.

### **Considerações finais**

A proposta desta pesquisa foi a de verificar a resiliência e a autoestima em adolescentes institucionalizadas, visto que a resiliência junto com a autoestima contribuem para uma melhor qualidade de vida e para a saúde. Também investigou-se a existência de fatores de proteção, principalmente através de figuras de apoio.

Os resultados obtidos nos mostram que no período da pesquisa as adolescentes que vivem no abrigo apresentaram um alto nível de resiliência e de autoestima, e que todas possuem figuras de apoio, de afeto, seja no ambiente abrigo, escola ou família. Foi constatado também que as adolescentes gostam do abrigo onde moram, se dão bem com as outras crianças e com a equipe, sentem-se acolhidas e cuidadas. Esse resultado, associado aos escores das escalas de autoestima e de resiliência, indicam que o abrigo está exercendo um papel importante na rede de apoio para essas adolescentes, promovendo qualidade de vida e desenvolvimento.

Também podemos inferir que o acolhimento institucional mudou muito depois de 1990, com a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente. Percebe-se que o abrigo proporciona bem-estar e qualidade de vida às adolescentes, que existe uma preocupação com a convivência familiar e comunitária, individualização no atendimento, redução do número de abrigadas, e também outro ponto que deve ser ressaltado é que muitas adolescentes abrigadas tem acesso, na instituição, a condições de vida que não teriam com suas famílias, como educação, lazer, vestuário, alimentação, e viver em um ambiente favorável ao desenvolvimento, sem violência e agressão.

O acolhimento institucional é muitas vezes uma tábua de salvação para a criança e o adolescente em situação de risco, é um local que visa oferecer conforto e bem-estar, favorecendo o seu desenvolvimento saudável. Nesta pesquisa vimos

que as adolescentes tem alto nível de resiliência e autoestima, demonstram alegria de viver, satisfação com sua vida atual, o que corrobora que possuem qualidade de vida na instituição acolhedora.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, R.J. **Tradução e Validação da Escala de Resiliência para crianças e adolescentes de Sandra Prince-Embury**. Dissertação de mestrado, pelo Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar, do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 2008. Disponível em: [http://livros01.livrosgratis.com.-br/cp097381 .p df](http://livros01.livrosgratis.com.-br/cp097381.p df) . Acesso em: 28 nov. 2017.

CEDECA Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. **ECA 2017: Estatuto da Criança e do Adolescente atualizado**. Rio de Janeiro, 2017.

CONZATTI, Rosemara e MOSMANN, Clarisse. Resiliência em crianças acolhidas: suas percepções sobre as adversidades. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)** [online]. 2015, vol.21, n.2. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682015000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: maio 2018.

CYRULNIK, B.; CABRAL, S. **Resiliência: ações pela reinstauração de um futuro**. In: COIMBRA, R.; MORAIS, N. A. (orgs.). *A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*. Porto Alegre: ArtMed, 2015. Cap. 1, p. 20-35.

DIGIÁCOMO, M. J.; DIGIÁCOMO, I. A. **Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado**. 2013, 6ª ed. Curitiba: Ministério Público do Estado do Paraná. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente.

FARIAS, A.R.C. **Padrões de vinculação, autoestima e estados emocionais em crianças institucionalizadas e não institucionalizadas**. Lisboa, 2015.

GUIMARÃES, C. P.; COSTA NETO, S. B. da. **Suporte social como mediador da resiliência em adolescentes institucionalizados**. In: COIMBRA, R.; MORAIS, N. A. (orgs.). *A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*. Porto Alegre: ArtMed, 2015. Cap. 5, p. 100-124.

HUTZ, C. S.; ZENON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. **Avaliação psicológica**, v. 10, n.1, 2011.

MOTA, Catarina Pinheiro; MATOS, Paula Mena. Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrole. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 28, n. 2, abr. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.-mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312010000200001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.-mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000200001&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 27 maio 2018.

PESCE, R.P.; ASSIS, S.G.; AVANCI, J.Q.; SANTOS, N.C.; MALAQUIAS, J.V.; CARVALHAES, R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de Saúde Pública**, 21(2),436-448, 2005. Disponível em: [ttp://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/10.pdf](http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n2/10.pdf). Acesso em: 30 nov. 2017.

RODRIGUES, A. L.; GAVA, L. L.; SARRIERA, J. C.; DELL'AGLI, D. D. Percepção de preconceito e autoestima entre adolescentes em contexto familiar e em situação de acolhimento institucional. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/12648/9822>. Acesso em: maio 2018.

RODRIGUEZ, S. N.; SOUZA, A. P. L. de; POLETO, M. **Processos de resiliência fomentados por projetos de intervenção com adolescentes**. In: COIMBRA, R.; MORAIS, N. A. (orgs.). A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção. Porto Alegre: ArtMed, 2015. Cap. 7, p. 152-168.

ROMEIRO, Joyce Borges; MELCHIORI, Lígia Ebner. Os vínculos afetivos de adolescentes em acolhimento institucional: permanências, expansão e rupturas. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 37, n. 93, p. 186-205, jul. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2017000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 17 jun. 2018.

SANTOS, F. M. dos. **Análise de conteúdo**: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.

SILVA, C. D. L.; DENARDI, R. C.; BECKER, A. P. S.; DELVAN, J. da S. A Psicologia nos serviços de acolhimento institucional e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 10(1), São João del-Rei, jan/jun 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082015000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000100005). Acesso em: 30 nov. 2017.

SIQUEIRA, A.C.; DELL'AGLIO, D.D. Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação de Vida e Rede de Apoio Social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jul-Set 2010, Vol. 26 n. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n3/a03v26n3.pdf>. Acesso em maio 2018.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J. e MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. **Rev. Bras. Crescimento Desenv. Hum.** 2006, vol.16, n.318. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: maio 2018.